CIDAC 00042
Centro de Documentação
24. JUL 1995
TL251

Curriculum vitae

Nome: Martinho da Costa Lopes. Data de nascimento: 11 de Novembro de 1918. Naturalidade: Laleia, concelho de Manatuto, Timor Oriental. Filiação: António da Costa Lopes e Isabel da Costa Lopes. Frequentou durante os anos de 1935-1938 o Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima, em Soibada, matriculou-se nas aulas de latim, português, francês e História Universal. Em 5 de Janeiro de 1939 parte para Macau a fim de prosseguir os seus estudos no Seminário de S.José de Macau aonde chegou a 24 do mesmo mês e ano. Terminado o curso preparatório e humanístico, ingressa no Seminário Maior.

Curso filosófico : Em 1941 cursou Filosofia I, Ciências fisico-químicas e Matemática, ficando aprovado com dezassete(17), dezasseis(16) e dezassete(17) valores, respectivamente. Em 1942 frequentou Filosofia II, Inglês e Ciências-História Universal-, tendo sido aprovado nas duas primeiras com dezóito(18) e na última com dezassete(17) valores.

Curso teológico : Em 1943 iniciou o curso teológico: Dogma I, Direito Canónico, Liturgia e Canto Gregoriano, tendo ficado aprovado nas duas primeiras cadeiras com dezassete(17) e nas restantes com com dezasseis(16)valores. Em 1944: Dogma II, Moral I e Sagrada Escritura, tendo sido aprovado em todas as cadeiras que frequentou com dezóito(18) valores. Em 1945 Dogma III, Sagrada Escritura II Moral II e Direito Canónico II, ficando aprovado nas três primeiras com dezóito(18) e na última com dezasseis(16)valores. Em 1946, Dogma IV, Moral III e História Eclesiástica, ficando aprovado respectivamente com dezasseis(16), dezanove(19) e com dezassete(17) valores. Findo o curso teológico, regressou a Timor em 1 de Setembro de 1946, estagiando Professor no Colégio de S.Francisco Xavier e no Colégio-liceu de Díli. Ordenado de Presbítero em 18 de Abril de 1948, partiu para a Missão de Bobonaro, daqui seguindo para a Maliana, onde vai organizar e estrutrar o regime de internado do Colégio da Maliana. Toma conta das cristandades da Maliana, Cailaco, Atabae, Batugadé e Bribó. Em Setembro de 1951 é transferido para Díli e colocado no Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, como Professor, Ecónomo, Prefeito de disciplina. Em 31 de Janeiro de 1954 foi exonerado do cargo de Professor e Ecónomo do Seminário e nomeado interinamente Procurador em Díli das Missões e Missionários da Diocese. Em 27 de Maio de 1954 é exonerado do cargo de Procurador das Missões e Missionários da Diocese e nomeado Vigário Cooperador da Missão de Baucau. Em 10 de de Setembro de 1955 é exonerado do cargo de Vigário Cooperador da Missão de Baucau e nomeado de novo Professor do Seminário Diocesano de Dare, leccionando várias disciplinas, nomeadamente, as de latim III e V, fundando e orientando a revista, em latim, intitulada "AVETE JUVENES". Em Novembro de 1957 foi eleito Deputado por Timor, tomando parte na VII legislatura da Assembleia Nacional. Tendo regressado a Timor, findo o mandato, foi nomeado Superior da Missão de Suai, em 26 de Agosto de 1961. Em 14 de Agosto de 1963 foi exonerado do cargo de Superior da Missão de Suai e nomeado Director do Colégio Bispo Medeiros. Em 1964 a 1968 fazia parte do Conselho do Conselho de Governo e era membro eleto do Conselho Legislativo da Província. Em 3 de Julho de 1965 foi exonerado do cargo de Director do Colégio Bispo Medeiros e nomeado, pouco depois, Superior da Missão de Liquiçá. Em 17 de Janeiro de 1969 foi exonerado do cargo de Superior da Missão de Liquiçá e nomeado Superior da Missão de Ossu e Director do Colxegio masculino de Santa Teresinha da mesma Missão. Em 15 de Agosto de 1972 foi nomeado Chanceler e Procurador Geral da Diocese de Díli e em 11 de Outubro do mesmo ano foi nomeado Director do jornal diocesano "A SEARA". Em 3 de Julho de 1975 foi nomeado Vigário Geral da Diocese de Díli e em 23 de Outubro de 1977 foi nomeado Administrador Apostólico com todos os poderes de Bispo residencial, sucedendo assim a D.José Joaquim Ribeiro no governo da Diocese de Díli.

Em 11 de Maio de 1983 apresentou à Santa Sé o seu pedido de resignação de Administrador Apostólico da Diocese de Díli. Após a audiência que lhe concedida por João Paulo II no Vaticano, retirou-se para Portugal aonde chegou a 11 de Junho de 1983.

Defendendo a liberdade e os direitos do homem

Empenhado na defesa intransigente da liberdade e dos direitos do homem, violados a cada passo e sem rebuços pelos militares indonésios, das inúmeras vezes ou ocasiões em que me foi necessário intervir para salvaguardar os valores humanos, focarei apenas os casos concretos que a seguir especificarei para se fazer uma vaga ideia da luta que foi preciso travar, mormente, durante os anos difíceis de 1980 a 1983.

O caso de Lourenço

Jóvem timorense, de 23 anos de idade, natural de Remexio, ex-soldado do exército português, a quem os líderes da Fretilin, reconhecendo nele coragem e bravura invulgares, confiaram uma arma "Mauser" com escassas dezenas de munições para a sua própria defesa e do povo maubere da área. Depois de ter oferecido heróica resistência aos Bapas em vários recontros sangrentos nos arredores de Remexio, foi capturado em meados de 1980 e preso nas cadeias da Comarca de Díli, aguardando a todo o momento ser liquidado e morto.

Todas as noites-contava ele- vinham a desoras os Bapas armados buscar numa carrinha militar uns 10 a 12 presos da Comarca e os levavam até Tacitolu (3 lagoas), onde os liquidavam, umas vezes, com rajadas de metralhadora, outras, com simples arma branca, não só para não atrair a antipatia da população, como também para não perturbar a cidade de Díli, de há muito, adormecida a sono solto. Foi, pois, numa dessas noites macabras que na habitual viatura militar atrás referida, Lourenço foi levado juntamente com os seus 11 companheiros da desgraça para serem vítimas da operação militar de Tacitolu. Cabisbaixo e triste, se por um lado o coração lhe pulsava frenéticamente, na perspectiva da morte que se avizinhava cada vez mais, por outro, o instinto de viver vibrava nele tão intenso que lhe dava ânimo para uma tentativa de se esgueirar... Assim, no trajecto Díli-Tacitolu, mesmo com a viatura em andamento e sem que os Bapas dessem por isso, de um pulo deu uma cambalhota e caiu no meio de denso capim que ladeava a estrada. Ali permaneceu quietinho e só abandonou o seu esconderijo, depois de ouvir o matraquear da metralhadora e, se certificar de que a viatura militar estava de regresso a Díli. A partir daí andou meses e meses a monte, escondendo-se aqui e além, em casa de parentes e amigos até que um dia resolveu mandar-me uma mensagem muito secreta, por meio da irmã dele, suplicando que fizesse algo para o livrar da morte, que pairava ameaçadora sobre ele. Mandei dizer-lhe que me aparecesse em casa a qualquer hora do dia ou da noite, que faria o possível, com a ajuda de Deus, por o libertar das garras assassinas dos militares. Foi assim que Lourenço me apareceu, altas horas da noite, na residência episcopal de Lecidere, onde me contou toda a sua longa e amargurada odisseia.

No dia seguinte, sem perda de tempo, levei-o pessoalmente ao comandante do Kodim de Díli com quem tratei do assunto, pedindo apenas juetiça e clemência em prol de um homem que por um triz se escapou da morte em Tacitolu e só arredei pé do gabinete do distinto oficial, quando me assegurou que pouparia a vida do meu cliente. Deste modo, após um longo inquérito feito pela INTEL da Indonésia, Lourenço pôde regressar ao paço, onde até à data da minha saída

optou por ficar comigo, sem ser molestado por ninguém, graças a Deus, que se dignou servir-se de mim, como instrumento para salvar de uma morte violenta uma preciosa vida humana.

O caso de Luís de Laga

Membro activo da Falentil, natural de Laga, de 27 anos de idade, comandando uma secção de 3 guerrilheiros com a missão específica de explorar terreno e apresentar ao Comité Central da Fretelin um relatório pormenorizado sobre a posição exacta ocupada pelos Bapas na cidade de Díli, Luís e seus companheiros vinham de Lospalos, a corta-mato, calcurreando enormes distâncias, ora subindo encostas, ora descendo ravinas e, superadas as maiores dificuldades, que encontravam pelo caminho, chegaram às regiões de Laulara onde, de tiroteio em tiroteio com os hansips e Bapas ali estacionados, foram mortos os seus dois companheiros, ficando apenas ele como único sobrevivente do grupo. Exausto de fadiga e inibido de oferecer mais resistência, por falta de munições, enterrou como podia, os seus camaradas mortos nas redondezas de Laulara, escondeu as 3 armas "Mauser" num barranco e, depois, tentando com êxito a descida pela encosta da montanha sobranceira ao mar, chegou a Tíbar, donde mais afoito e descontraído, seguiu viagem para Díli.

Já passava das 4 horas da tarde do dia 5 de Setembro de 1982. Estava eu passando uma vista de olhos pelas páginas do "Kompas", diário católico de maior tiragem em toda a Indonésia, quando enxerguei, ao lusco-fusco, um vulto humano transpor decididamente os umbrais do portão e vir direito a mim. Eis senão quando à queima-roupa o meu desconhecido parou e se identificou sùbitamente, dizendo lacònicamente: " sou da Fretilin e venho do mato". Perante tão estranha forma de se identificar, pus imediatamente de lado o jornal e convidei-o a sentar-se mais perto de mim. Foi então que desbobinou, com surpresa minha, a grande proeza, que acabava de levar a efeito, desde Lospalos a Díli e me disse que havia 3 dias que nada comia, porque se lhe acabara a diminuta ração que trouxera do mato. Mandei dar-lhe imediatamente algo com que pudesse entreter a fome e, reconfortado depois o estômago com um opíparo jantar, prosseguiu no relato da sua odisseia eriçada de tantas peripécias! Findo o relato, virei-me para ele e disse-lhe com toda a franqueza: meu caro amigo, para o seu caso há apenas duas alternativas, irreconciliáveis: ou ficar definitivamente e eu trato ~~já~~ de contactar as autoridades militares para esse efito, ou voltar para o mato. Tem toda a liberdade em fazer a sua opção e toda a noite para pensar e decidir.

No dia seguinte, perguntei-lhe se tinha tomado alguma decisão. Disse-me que sim, mas que iria primeiro contactar os seus camaradas da cidade para se certificar se havia ou não caminho livre para o interior. Optimo, -rematei eu. Entretanto eram já horas de ir à Câmara Eclesiástica onde me aguarda toda a papelada para despachar. Por isso, chamei-o à parte, despedi-me dele e dei-lhe algum dinheiro para comprar o que fosse necessário para comer, caso decidisse regressar ao mato. Por volta do meio dia, regressei ao paço e logo perguntei por ele. Disseram-me que tinha saído. Estava ainda a almoçar, quando de repente me avisaram: o homem já está de novo aqui! Mandem-no entrar-ordenei-e dêem-lhe de comer. Pouco depois fui ter com ele no quarto que ocupara desde ontem e perguntei-lhe se havia alguma novidade. Respondeu-me que saira a contactar os seus amigos e camaradas, mas todos à uma lhe disseram que todo o caminho estava barrado, devido à vigilância redobrada dos Bapas. E agora-observei-qual a sua decisão? Agora-respondeu a medo-pedia ao senhor bispo que me acompanhasse a apresentar-me aos Bapas, porque se vou sòzinho, matam-me com toda a certeza. Ânimo! e confiança em Deus! -disse-

-mesmo que o quisesse não o deixaria ir sòzinho. Eu te asseguro que ninguém te há-de matar sem primeiro passar por cima do meu cadáver. Mas-insisti-já pensou bem? Sim, senhor bispo,-respondeu-já pensei e estou decidido.

Voltei para a sala de visitas, peguei no auscultador e telefonei ao vice--comandante do Korem, tenente-coronel Francisco Xavier, solicitando a sua presença em minha casa para a solução de um problema urgente. Um quarto de hora depois, o oficial estava na residência. Introduzi-o na sala de visitas e, seco como um tabelião, desfechei-lhe à queima-roupa: senhor comandante, vou fazer-lhe uma surpresa-tenho um Fretilin em minha casa. Onde está-inquiriu o comandante-posso vê-lo e falar-lhe? Com certeza-respondi-pois foi para isso que há bocado lhe telefonei.

Mandei vir o meu hóspede que, descontraído e num à-vontade surpreendente cumprimentou o comandante que, esboçando um sorriso de satisfação lhe estendeu a mão. Depois de uns minutos de conversa, o comandante do Korem perguntou-me se o poderia autorizar a levá-lo consigo para a INTEL a fim de ser inquirido. Perfeitamente, senhor comandante,-respondi-mas exijo-lhe apenas duas condições: 1a.-não lhe bater durante o inquérito; 2a.-feito o inquérito, se ele quiser voltar à minha residência, terá a liberdade de o fazer, valeu? Sim-aquiesceu o oficial-não há problema. O interrogatório foi muito apertado e demorou 2 dias. Aos militares não lhes faltava vontade de lhe desconjuntar os ossos com forte pancadaria, mas cumprindo escrupulosamente instruções superiores, respeitaram a integridade física do meu cliente e, desta feita, Luís pôde regressar à residência episcopal de Lecidere, onde, tal como sucedeu ao Lourenço, optou por ficar comigo. Foi assim que o braço poderoso de Deus, servindo-se da baixeza deste seu servo, operou as maravilhas do Seu poder, salvando mais uma vida humana!

Encontro com o ministro da Defesa indonésio em Baucau

Passou-se em Agosto de 1981. Estava em Díli deveras preocupado e muito apreensivo com a operação militar "Keamanan", que ia sendo levada a efeito pelo exército indonésio, nela integrando, contra toda a legitimidade da objecção de consciência, a população civil completamente desarmada para ir lutar contra a Fretilin no mato, quando me apareceu, de surpresa, o tenente-coronel indonésio, Francisco Xavier, vice-comandante do Korem a comunicar-me que o ministro da Defesa, general Yosufo, me convidava para um encontro com ele no aeroporto internacional de Baucau e punha à minha disposição um helicóptero militar para isso. Anuí prontamente a tão amável convite e o mesmo oficial, de acordo com instruções de Yosufo, me acompanhou pessoalmente até Baucau.

Ali chegado, conduziram-me logo para o salão de honra, onde já se encontrava o ministro da Defesa, acompanhado dos generais Alimurtopo, Dadi Kabualdi e um outro oficial de alta patente, que me era desconhecido.

Após uma breve troca de cumprimentos, o ministro da Defesa iniciou a conversa deste modo:

G.Y.- Consta que Pastor (referindo-se a mim) andava a acusar os militares de massacrar o Povo de Timor-leste, é verdade?

Pastor-Sim senhor ministro, porque não compreendo lá muito bem a atitude assumida pela tropa indonésia. O presidente da República, general Suharto, concedeu a amnistia a todos os que viessem do mato a render-se, e a tropa liquida-os ou fá-los desaparecer. Agindo assim, não só vão contra as ordens do presidente, como, sobretudo, violam impunemente os direitos mais fundamentais do ser humano, a saber, o direito à vida, à liberdade e à segurança da sua pessoa.

G.Y.- Tem alguma prova disso?

Pastor-Tenho-a, infelizmente, senhor general. Vou citar-lhe apenas os nomes de alguns, que me ocorrem neste momento:

1. Leopoldo Heraldo Joaquim, vice-ministro da Comunicação Social, do ex-governo da Fretilin, rendeu-se em Ainaro às autoridades militares da Indonésia, em 1977, possuidor de um documento de amnistia assinado pelo presidente Suharto, documento este que ele me mostrou e eu o vi com os meus olhos. A princípio, andava em plena liberdade, mas depois, em 1979, os militares indonésios foram buscá-lo à casa e o levaram para paradeiro desconhecido e até hoje não há rastos dele.

2. Maria Goreti, de 16 anos de idade, solteira, presa na cadeia de Sang-Tai-Hó, por ter tido contactos com os do mato, foi, semanas depois, solta e restituída à liberdade. No ano seguinte, as forças armadas da Indonésia foram buscá-la e levaram-na para a fazerem desaparecer para sempre.

3. Juvenal Inácio, de 25 anos de idade, filho de pai português e mãe timorense, capturado na zona de Bibileu, Viqueque, ex-minstro das Finanças do ex-governo da Fretilin, veio para Díli, em 1979; mas poucos meses depois, foi levado de helicóptero para Baucau, onde desapareceu misteriosamente.

4. João Branco, natural de Lospalos, ex-sargento do exército português, Tendo oferecido, a princípio, heróica resistência aos Bapas, fiado na amnistia oferecida pelo presidente Suharto, rendeu-se em 1977 com os seus 40 homens, que comandava, e veio para Díli; mas em fins de 1979, desapareceu para sempre da circulação, em circunstâncias igualmente misteriosas, não só ele mas também os seus homens.

G.Y.- Mas poderiam estar algures, em território indonésio.

Pastor-Senhor ministro, dos casos que acabei de apresentar, tenho a certeza moral de que todos eles, sem excepção, foram liquidados pelos militares. Todavia, senhor ministro, eu garanto-lhe que estaria disposto a rectificar o meu juizo, se os fizesse comparecer, um a um, diante de mim.

G.Y.- Também se diz que Pastor não vê com bons olhos a operação militar que está a ser levada a efeito pelo exército indonésio.

Pastor-Da operação militar que acaba de mencionar, só as forças armadas da Indonésia são o único responsável perante Deus e perante o mundo. O que, porém, não concordo, é a forma como está sendo levada a efeito, integrando nela, à força, a população civil composta de crianças, mulheres e homens, desde os 15 aos 50 anos de idade, completamente desarmados, sem comida, sem assistência médica, sem transporte- o que faz supor tratar-se de um plano concebido para extermínio do Povo de Timor!

A discussão foi apenas entre mim e o general Yosufo, pois dos outros generais nem um pio sequer!

Após o lanche oferecido por Yosufo em que todos os presentes participavam, regressei a Díli consciente de ter cumprido apenas o meu dever e nada mais.

A homilia de 13 de Outubro de 1982.

Havia todos os anos, no dia 13 de Outubro, uma procissão grandiosa, em honra de Nossa Senhora de Fátima, a qual percorria invariàvelmente o trajecto, à beira-mar, que medeia entre a Igreja de Motael e o Monumento à Virgem de Assunção, junto do paço episcopal. Nela se encorporavam milhares de fiéis, que acorriam de todas as aldeias vizinhas, rezando, com devoção, o rosário, entremeado de cânticos apropriados, em português e em tétun alternadamente.

Pois bem. Foi na memorável procissão, realizada em 13 de Outubro de 1982, que junto do monumento consagrado à Virgem e perante numerosa assistência computada em 12 a 15 mil pessoas, julguei oportuno denunciar, pela primeira vez, a morte, relativamente recente, ocorrida em Setembro de 1981, de 500 timorenses que, apenas rendidos, foram cruelmente trucidados no cerco de Santo António de Lacluta, de mulheres grávidas desventradas, cujos bebés nascituros arrancados com violência do útero materno, foram desborrachados contra as rochas e, finalmente, dos que forçados a integrar-se em operações militares, sem armas, sem comida, sem assistência médica e sem transporte, morreram na berma das estradas, à fome, ao abandono e ao relento...

Esta denúncia de crimes praticados em Timor-Leste teve o efeito de uma bomba atómica que, explodindo em Díli, se repercutiu pelo mundo fora, designadamente na Austrália, na América e na Inglaterra!

Finda a a cerimónia litúrgica com que culminou a procissão, ao retirar-me para o paço episcopal a fim de repousar, um bocado, recebi um telefonema dos Bapas, convidando-me a comparecer no comando da INTEL às 18 horas, se possível. Respondi que sim, que estaria a essa hora. Às 18 horas em ponto entrei na sala, onde estava o comandante da INTEL, rodeado de seus oficiais, todos à paisana. Cumprimentei-os a todos. Pouco depois, esboçando um amável sorriso, o comandante da Intel disse: Pastor, sei que está fazendo o bem, quando defende os diredtos humanos. Mas peço-lhe muito que não o faça, como o fez esta tarde. Quando tiver algum problema, faça o possível por contactar-nos privadamente.

Senhor comandante, -respondi- pelos vistos, está de acordo comigo, pois afirma, por outras palavras, que estou no bom caminho, porque defendo os direitos humanos. Pois, eu lhe asseguro que, com a ajuda de Deus, prosseguirei sempre no caminho do bem e da verdade. Quanto ao contactar privadamente as diversas instâncias militares, devo dizer-lhe que já contactei, por diversas vezes, não só o KODIM, o KOREM, mas também o general Dadi e até o ministro da Defesa, o general Yosufo. Como, porém, disso não surtisse o efeito desejado, em virtude da missão profética, que me assiste, sinto-me na necessidade imperiosa de denunciar ao mundo inteiro, como o fiz esta tarde, o genocídio que se está praticando em Timor para que, ao morrermos, o mundo saiba ao menos que morremos de pé.

Lisboa, 2 de ~~Dezembro~~ Janeiro de 1985.

Martinho da Costa Lopes
Adm. Apostólico resignatário